

INSATISFAÇÃO COM A IMAGEM CORPORAL DE MENINAS DE 11 A 14 ANOS DE IDADE

Dissatisfaction with the the body image of girls from 11 to 14 years old

Paula Bortoluzzi De Carli¹, Pedro Pugliesi Abdalla²,
Dalmo Roberto Lopes Machado², Gustavo André Borges¹

¹Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

²Universidade de São Paulo (EeFERP-USP)

Resumo: O objetivo do estudo foi analisar a satisfação com a imagem corporal entre meninas de diferentes grupos etários de um colégio privado de Marechal Cândido Rondon - Pr. A amostra foi constituída por 82 meninas, com idades entre 11 e 14 anos. Medidas antropométricas de massa corporal e estatura foram obtidas para a determinação do índice de massa corporal (IMC) para classificação do estado nutricional. A escala da silhueta de Kakeshita (2008) foi utilizada para avaliar a satisfação da imagem corporal. As comparações entre classificações do IMC, satisfação com a imagem corporal e o desejo de alteração da silhueta foram realizadas com o teste binomial para todas as idades. Para as comparações dessas variáveis entre grupos etários, recorreu-se ao teste do Qui-quadrado (χ^2) de comparação de proporções. Todas as análises foram realizadas com nível de significância previamente estabelecido ($\alpha=0,05$). Os resultados mostraram que 63,8% das meninas estudadas se encontravam com o IMC dentro do esperado e apenas 36,2% apresentaram excesso de peso ($p=0,001$) ou obesidade ($p<0,001$). Mesmo assim, 81,7% ($p<0,001$) delas mostraram-se insatisfeitas, sendo que destas, 91% ($p<0,05$) desejavam estar com silhuetas menores, especialmente dentre as mais velhas ($p<0,001$). O estudo indicou forte tendência de as meninas apresentarem insatisfação cada vez maior da sua imagem corporal à medida que avançam na idade adolescente.

Palavras-chave: Imagem corporal; IMC; Crianças e Adolescentes.

Abstract: The study analyzed the body image satisfaction of girls from different age groups of a private school of Marechal Candido Rondon - Pr. The sample consisted of 82 girls, aged between 11 and 14 years. Anthropometric measurements of body mass and height were obtained for the determination of body mass index (BMI). The Kakeshita body scale was used to evaluate body image satisfaction. Comparisons of the proportions of BMI classifications, satisfaction with body image and the desire to increase or reduce body scale were performed between the age groups, with the binomial test. The same variables had their proportions compared between the age groups with the chi-square test (χ^2). All analyzes were performed with a previously established level of significance ($\alpha = 0.05$). The results showed that 63.8% of the girls studied had BMI within the expected range and only 36.2% presented with overweight ($p = 0.001$) and obesity ($p<0.001$). However, 81.7% ($p<0.001$) of the girls were dissatisfied with their bodies, and 91% ($p<0.05$) wished to be with leaner bodies. Based on the results, most of the girls showed dissatisfaction with their body image.

Keywords: Body image; BMI; Child and Adolescents.

1 INTRODUÇÃO

A indústria cultural produz anualmente modismos, induzindo a padrões de beleza, comportamentos e estilos de vida que refletem na “atitude”, na aquisição de certos bens de consumo, padrões de comportamentos associados à autoestima, expressão e distinção social (FREIRE FILHO, 2003). Dentre eles, a beleza se configura como a mais relevante para a autoestima, fundamentalmente entre as mulheres. Aquelas pessoas que atenderem aos padrões de beleza constituídos apresentarão uma atitude satisfatória da própria imagem e, portanto, da autoestima, levando-as a acreditar que terão maior chance e sucesso na vida social, profissional e afetiva. Nesse sentido, as mulheres tendem a buscar índices mais elevados de cobrança pessoal, compelindo-as em buscar uma imagem corporal subjetivamente perfeita.

A beleza e a magreza são duas importantes qualidades que se buscam também entre crianças e adolescentes. Segundo Salgado e Ferrarini (2016), a beleza está associada a diferentes partes do corpo que, conjuntamente, tem se tornado um importante capital para o status social e sucesso, sobretudo entre meninas pré-adolescentes, pois desde cedo já perseguem e incorporam os símbolos que as aproximam de ideais de beleza, sucesso, fama e poder.

Consequentemente, as adolescentes estão mais suscetíveis a depreciarem a própria imagem corporal, uma vez que precisam conviver com transformações corporais mais acentuadas e indesejáveis (como aumento de massa gorda) e ainda se adequarem aos padrões de beleza impostos pela sociedade (CAMPAGNA; SOUZA, 2006). Assim, os referenciais de beleza tendem a desvalorizar corpos ou comportamentos que sejam considerados negativos ou desviantes desse padrão (ALMEIDA et al., 2005), sugerindo que o corpo magro está, em geral, associado ao sucesso.

O excesso de peso tem sido associado a conceitos negativos que representam o fracasso do domínio sobre o próprio corpo, na vida afetiva e social, favorecendo discriminações, estigmatizações e, até mesmo, sofrimento de bullying (GONÇALVES, 2016; LEVANDOSKI; CARDOSO, 2013; RECH et al., 2013; SCUTTI, et al., 2014). Portanto, a insatisfação está cada vez mais associada à percepção de um distanciamento do próprio corpo dos padrões de beleza vigente (ALMEIDA et al., 2005). Assim, quando os indivíduos estão com sobrepeso, carregam um estigma que os classifica negativamente em relação às pessoas magras (MATOS et al., 2012). Os adolescentes, nesse sentido, valorizam ainda mais o corpo e estão mais suscetíveis às observações negativas pelo excesso de gordura do que os adultos.

Já a obesidade entre crianças e adolescentes é extremamente estigmatizada, de forma similar a queimados e magros anoréxicos, deficientes em cadeira de rodas, amputados ou quem faz uso de muletas (RIBAS FILHO et al., 2009). As repercussões dessa discriminação sobre a formação psíquica, a saúde emocional e a física, ao longo da vida, são muito sérias, uma vez que os obesos tendem a ser a maioria (IBGE, 2010). Se isto se confirma, geraria um sério agravamento das expectativas adolescentes, resultando num quadro de insatisfação cada vez mais evidente.

Para muitas meninas e adolescentes, o excesso de gordura corporal torna-se, portanto, um estigma, uma marca social e moral indesejável que inferioriza pela não adequação aos padrões vigentes de beleza (MATOS; LUZ, 2009). Muitos percebem a imagem do próprio corpo a partir desses padrões, de forma desviante, naquilo que se denominou insatisfação da imagem corporal. Nesse sentido, a imagem corporal pode ser compreendida como a percepção objetiva do próprio corpo a partir da sua representação subjetiva sobre o tamanho e a forma, traduzindo-se em níveis de satisfação da imagem corporal. A distância entre a percepção da própria imagem em relação àquela desejada está acompanhada de rejeição ou insatisfação do próprio corpo (FERREIRA; LEITE, 2002), pois expressa o desejo por um corpo diferente do real.

A satisfação com a imagem corporal pode ser realizada a partir de vários instrumentos, entre eles destacam-se os questionários e as escalas de silhuetas. O uso de escalas de silhuetas tem uma série de vantagens sobre os demais. Segundo Truby e Paxton (2002), as escalas são simples e rápidas de usar,

sua imagem visual é menos abstrata e requer menor compreensão e domínio da língua do que o uso de questionário. Além disso, as escalas não exigem equipamentos sofisticados para serem utilizadas, tornando-as muito atraentes na avaliação das crianças e adolescentes.

Vários estudos sobre imagem corporal utilizaram diferentes escalas de silhuetas. Considerando apenas o Brasil, por exemplo, vários estudos que avaliaram a satisfação com a imagem corporal em adolescentes brasileiras têm encontrado frequentes resultados de insatisfação (FIDELIX et al., 2011; GRAUP et al., 2008; GLANER et al., 2013; LEITE et al., 2014; MIRANDA et al., 2014a; MIRANDA et al., 2014b; PETROSKI et al., 2009; SCHERER et al., 2010). No entanto, não estabeleceram eventuais tendências de alteração desse quadro na satisfação com a imagem corporal à medida que as meninas ficam mais velhas. Nesse sentido, o objetivo do estudo foi analisar a satisfação da imagem corporal de meninas de 11 a 14, anos além de detectar eventuais mudanças dessa percepção com o passar dos anos.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Uma amostra intencional foi composta de 82 meninas com idades entre 11 e 14 anos ($12,6 \pm 1,2$), regularmente matriculadas do 6º ao 9º ano em um colégio privado do município de Marechal Cândido Rondon - Paraná. Para o desenvolvimento da pesquisa, todos os procedimentos éticos foram realizados, incluindo a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelos pais ou responsáveis das menores.

O índice de massa corporal (IMC) foi determinado a partir da razão massa corporal (kg)/estatura²(m). A escala da silhueta de Kakeshita (2008) para meninas (Figura 1) foi validada (KAKESHITA et al., 2009) e utilizada para avaliação da satisfação da imagem corporal no presente estudo. A escala contém 11 figuras femininas apresentadas em uma folha única, de forma progressiva, sendo a primeira representada por uma silhueta com IMC de baixo peso (12 kg/m^2) e a última, por um IMC que representa obesidade (29 kg/m^2), com diferenças média entre elas de $1,7 \text{ kg/m}^2$. A escala de Kakeshita para seu uso entre as meninas considera o “corpo infantil” com adequado ajuste das silhuetas, pois o modelo adulto refere-se às idades a partir de 18 anos.

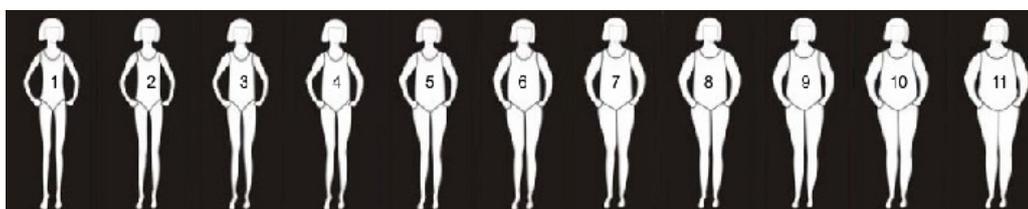


Figura 1. Adaptação das figuras da escala de silhueta de Kakeshita (2008), para meninas.

O procedimento para coleta dos dados consistiu em solicitar que cada menina, individualmente, indicasse uma das figuras que melhor representasse o seu corpo naquele momento (Silhueta Real – SR). Em seguida, era solicitado que indicasse a silhueta que gostaria de ter (Silhueta Ideal – SI). A insatisfação com a imagem corporal era considerada quando ocorriam diferenças entre a Silhueta Real e aquela indicada como Silhueta Ideal, independentemente se a silhueta era menor na escala (redução) ou maior (aumento).

Para a classificação do estado nutricional das adolescentes foram utilizados os valores de referência para IMC propostos por Conde e Monteiro (2006) para cada faixa etária. Esse modelo foi escolhido por ajustar os limites em Baixo Peso (BP; $IMC < 17,5 \text{ kg/m}^2$), Peso Saudável (PS; $IMC \geq 17,5 \text{ e } < 25 \text{ kg/m}^2$), Excesso de Peso (EP; $IMC \geq 25 \text{ kg/m}^2 \text{ e } < 30 \text{ kg/m}^2$) e Obesidade (OB; $\geq 30 \text{ kg/m}^2$) de adultos, para a aparência corporal de meninas.

As diferenças entre o IMC e a escala de silhuetas, para cada grupo etário, foram testadas com t-student, para amostras dependentes. Para comparar as frequências relativas das classificações nutricionais (Baixo Peso, Peso Saudável, Excesso de Peso e Obesidade) totais ou por agrupamentos etários (11 a 14 anos) foram utilizados os testes Binomial e Qui-quadrado (χ^2) de comparação de proporções, respectivamente. O mesmo procedimento também foi utilizado para comparar o grau de satisfação com a imagem corporal, e o desejo de aumento ou redução da silhueta. Todas as análises foram realizadas no pacote estatístico SPSS versão 23.0 (SPSS Inc., Chicago, IL) com nível de significância previamente estabelecido ($\alpha=0,05$).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os valores descritivos do crescimento físico para cada idade são apresentados na Tabela 1. Os resultados sugerem aumento da estatura e massa corporal com a idade, mas apenas aos 14 anos essa diferença foi estatisticamente significativa. Por outro lado, os valores médios do IMC não mostram diferenças entre os grupos etários ($\chi^2_{gl=6; \alpha=0,05} = 10,212$; $p=0,116$), comportamento típico nessas idades (MARTINS et al., 2010), sugerindo irregularidade na relação peso-estatura nesse período da vida.

Tabela 1. Valores médios e desvio padrão para a estatura, massa corporal, IMC e diferenças etárias (*) de meninas de 11 a 14 anos.

Idades (n)	Estatura (m)	Massa corporal (kg)	IMC (kg/m^2)
11 (22)	1,52 ± 0,08	45,6 ± 11,3	19,7 ± 4,2
12 (16)	1,54 ± 0,06	45,4 ± 10,0	18,9 ± 3,2
13 (20)	1,59 ± 0,06	47,6 ± 7,4	18,7 ± 2,4
14 (24)	1,65 ± 0,08*	56,2 ± 10,6*	20,7 ± 2,9
Todas (82)	1,58 ± 0,09	49,3 ± 10,9	19,6 ± 3,3

A Tabela 2 apresenta a classificação do estado nutricional total e para cada idade segundo a classificação pediátrica (CONDE; MONTEIRO, 2008). A maioria das meninas ($n=52$) se encontrava na faixa de Peso Saudável, proporção significativamente maior ($p<0,001$) aos casos em que se observou Excesso de Peso ($n=23$) e Obesidade ($n=7$). A soma dessas proporções (excesso de peso e obesidade) não ultrapassou a 37% dos casos. No entanto, apesar de aos 13 anos as meninas apresentarem maior percentual de obesidade em relação as demais idades, percebe-se que a partir dos 12 anos parece haver uma tendência na redução relativa do Peso Saudável e aumento no Excesso do Peso e da Obesidade com a idade, pois aos 14 anos e soma de excesso de peso e obesidade alcançou uma marca superior a 54%. Embora não seja necessariamente uma tendência para meninas com o passar dos anos, no presente estudo revelou uma preocupação com o estado nutricional para esse período etário, pois essa relação inversa sugere um fator de saúde cada vez mais preocupante nas meninas, à medida que se tornam mais velhas.

Os valores médios e comparações entre o IMC mensurado (IMCm) e IMC atribuído às Silhuetas Real (IMCsr) e Ideal (IMCsi) são apresentados na Tabela 3. Pode-se observar que apenas entre as meninas de 11 anos houve diferenças estatisticamente significantes entre o IMCm e o IMCsr. Neste caso, as meninas se auto classificaram mais magras do que realmente estavam, quando os valores de IMC foram comparados. Para as meninas de 12 a 14 anos, as diferenças não se confirmaram entre o IMCm e o IMCsr. Por outro lado, todos os grupos etários apresentaram diferenças estatisticamente significantes entre as comparações de todos os valores de IMC obtidos no estudo.

Tabela 2. Frequência relativa da classificação do estado nutricional de meninas de 11 a 14 anos, segundo critérios pediátricos para idade (CONDE; MONTEIRO, 2006).

Idades	Baixo Peso	Peso Saudável	Excesso de Peso	Obesidade
11	-	68,2% ^{a,b}	18,2%	13,6%
12	-	56,3% ^b	37,5%	6,3%
13	-	85,0% ^{a,b}	10,0%	5,0%
14	-	45,5% ^b	45,5% ^b	9,0%
Todas	-	63,8% ^{a,b}	27,5% ^b	8,8%

^a diferença em relação ao excesso de peso ($p < 0,05$);

^b diferença em relação à obesidade ($p < 0,05$).

O maior desejo de reduzir a sua silhueta corporal tem sido observado em outros estudos no Brasil (CORSEUIL et al., 2009; GRAUP et al., 2008; PETROSKI et al., 2009). No presente estudo, podemos observar que o período etário dos 14 anos foi o que apresentou maior insatisfação com a imagem corporal, com 91,0% delas apresentando o desejo de reduzir sua silhueta, sendo essa proporção maior comparada à das meninas com o desejo de aumentar sua silhueta ($p < 0,001$) na mesma idade. Não só nesta idade, a proporção de meninas insatisfeitas com o desejo de reduzir sua silhueta foi também maior comparada àquelas com o desejo de aumentar nos 11 ($p = 0,001$), 12 ($p = 0,003$) e 13 anos ($p = 0,021$); e também no geral (11 a 14 anos) ($p < 0,001$). O estudo de Scherer et al. (2010) demonstrou que a medida que a maturação ocorre, o desejo de reduzir a massa corporal aumenta, até mesmo em meninas que maturaram com idades inferiores aos 11 anos.

Tabela 3. Valores médios e desvio padrão do IMC mensurado (kg/m^2), do IMC da silhueta real e ideal (escala de Kakeshita), e as diferenças entre eles para meninas de 11 a 14 anos.

Idades	IMC Mensurado (m)	IMC Silhueta Real (sr)	IMC Silhueta Ideal (si)
11	19,7 \pm 4,18 ^{ab}	18,1 \pm 2,95 ^b	15,6 \pm 1,96
12	18,9 \pm 3,17 ^b	19,3 \pm 4,55 ^b	16,3 \pm 2,84
13	18,7 \pm 2,37 ^b	17,8 \pm 3,33 ^b	15,8 \pm 1,90
14	20,7 \pm 2,93 ^b	20,1 \pm 3,74 ^b	16,4 \pm 2,20
Todas	19,6 \pm 3,29 ^b	18,8 \pm 3,68 ^b	16,0 \pm 2,20

^a diferença em relação ao IMCsr ($p < 0,05$);

^b diferença em relação ao IMCsi ($p < 0,05$).

Mesmo quando são utilizados outros instrumentos como a escala de Collins, a maioria das crianças e adolescentes (71,7%), em idades entre 10 e 17 anos apresentou desejo de reduzir o tamanho da silhueta corporal (CORSEUIL et al., 2009), ou a escala de ESA (Escala de Silhueta de Adolescentes), no qual 76,2% de crianças e adolescentes de 10 a 19 anos, de ambos os sexos, se encontravam insatisfeitos, sendo que entre as meninas a insatisfação alcançou a marca de 80% (MIRANDA et al., 2014). Outro estudo, que envolveu a escala de silhueta de Stunkard para meninos e meninas, revelou que mais de 69% dos meninos e 76,7% das meninas se apresentaram insatisfeitos com sua silhueta corporal (ADAMI et al., 2008).

De modo geral, no presente estudo, não houve diferenças das proporções entre os grupos etários quanto ao desejo de redução ou aumento da silhueta ($\chi^2_{gl=3; \alpha=0,05}=2,603; p=0,457$), embora em todos os grupos a proporção foi mais elevada se comparada ao desejo de aumento (Tabela 3). Contudo, como observado aos 11 anos, parece que as meninas do presente estudo tendem a subestimarem a sua silhueta, pois apontaram para uma SR que, na média, corresponde a um IMC menor do que IMC mensurado.

Nesse sentido, mesmo com a maioria das meninas deste estudo percebendo seu corpo menor do que são de fato, elas ainda desejaram ter silhuetas menores. O mesmo fenômeno foi observado com estudantes universitárias (KAKESHITA; ALMEIDA, 2006), muito embora quando o grupo etário é mais jovem (meninas de 7 a 12 anos), a média do IMC medido pode ser o mesmo que a média do IMC da silhueta real ou desejado (KAKESHITA, 2008). Apesar disso, no presente estudo, de modo geral, observou-se que mais de 70% das meninas gostariam de estar com uma silhueta com IMC considerado saudável. Mesmo assim, 25% delas optaram por uma silhueta de baixo peso e nenhuma gostaria de estar com uma silhueta considerada obesa (dados não mostrados).

Os valores relativos e as comparações entre os níveis de satisfação da escala de silhueta são apresentados na Tabela 4. Com base nas diferenças entre a determinação da Silhueta Real (SR) e Silhueta Ideal (SI), observa-se que, para todas as idades, por volta de 82% das meninas indicaram estar insatisfeitas com sua imagem corporal, sendo essa frequência estatisticamente maior ($p<0,001$) quando comparada às meninas satisfeitas (18,3%). A maioria delas, portanto, apontou para figuras ideais (SI = 74,4%) menores que as apontadas como reais (SR), enquanto menos de 10% desejaram aumentar as suas silhuetas.

Tabela 4. Valores percentuais entre os níveis de satisfação com a imagem corporal em meninas de 11 a 14 anos.

Idades	Satisfeitas	Insatisfeitas	Insatisfação com desejo	
			Redução	Aumento
11	31,8	68,1	93,0 ^b	7,0
12	18,8	81,3 ^a	92,0 ^b	8,0
13	20,0	80,0 ^a	81,0 ^b	19,0
14	4,2	95,9 ^a	96,0 ^b	4,0
Todas	18,3	81,7 ^a	91,0 ^b	9,0

^a comparado às satisfeitas ($p<0,05$);

^b comparado ao desejo de aumento ($p<0,05$).

Em relação a análise da satisfação com a imagem corporal, de acordo com os grupos etários, aos 14 anos as meninas estavam mais insatisfeitas com relação às demais idades analisadas e significativamente maiores se comparada às meninas satisfeitas ($p<0,001$). Seu principal desejo estava em

reduzir a silhueta (91%). Aos 11 anos se encontra o grupo com maior índice de satisfação (31,8%), embora nesta idade não difiram das meninas insatisfeitas ($p=0,134$). Na comparação entre os grupos etários, não houve diferenças quanto à satisfação, nem quanto à insatisfação de suas imagens corporais ($\chi^2_{gl=3; \alpha=0,05}=5,938; p=0,115$).

A maioria das meninas apresentou um IMC considerado saudável (Tabela 2), porém é importante ressaltar que essa classificação é uma indicação de uma silhueta considerada como ideal (SI), o que deve ser interpretado com reservas. Percebeu-se que a preocupação das adolescentes estudadas não era de uma indicação relacionada com a saúde, mas apenas com a intenção de estarem magras.

O maior grupo etário que gostaria de estar abaixo do peso saudável foi o de 11 anos, o que torna os resultados ainda mais preocupantes. O desenvolvimento físico das meninas que adolecem é marcado por mudanças significativas e grande variação individual ainda está por vir, projetando um estado futuro de insatisfação ainda mais evidente.

Uma das limitações se refere a uma amostra intencional reduzida sem poder inferencial, uma vez que o IMC da maioria estava dentro da faixa considerada saudável, fato que nem sempre poderá ser encontrado em outras populações. Muito embora a extrapolação populacional não seja objetivo deste estudo, outro fator limitante se refere à observação transversal que não reflete exatamente tendência de mudanças ao longo dos anos, mas expressa as diferenças com base na idade cronológica. A amostra intencional representou quase a totalidade das estudantes do colégio para essa faixa etária e, para efeitos de comparação com outros estudos, a classificação por fatores etários foi mais apropriada.

Portanto, parece haver muitos fatores diferentes que influenciam esta insatisfação com a autoimagem corporal. Os argumentos que ganham mais força e que parecem influenciar cada vez mais as adolescentes são as peças publicitárias e conteúdos de entretenimento cultural, veiculados ou criados pelos meios de comunicação (AMARAL, 2008), uma vez que supervalorizam corpos sempre magros. Esses “padrões de beleza” disseminados por diferentes veículos de comunicação fazem com que até as meninas mais jovens, com aparência e peso dentro da normalidade, sintam-se imperfeitas ou indesejadas, causando uma insatisfação permanente, resultando em problemas emocionais e psicológicos afetando seu autoconceito e autoestima (SERASSUELO JÚNIOR et al., 2012).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Baseado numa escala de silhuetas foi possível concluir que em todas as idades entre 11 e 14 anos meninas apresentaram algum grau de insatisfação com a própria imagem corporal. Mesmo que a maioria apresente um IMC considerado saudável, desejam uma silhueta menor do que a indicada por elas mesmas.

Com relação ao período mais sensível a mudanças qualitativas na percepção e satisfação com a imagem corporal, aos 14 anos a menina parece apresentar insatisfação mais acentuada que nas idades anteriores, embora desde os 11 anos todas se percebam maiores do que realmente são e querem ser menores do que precisariam.

Finalmente, o estudo sugere fortemente que o grau de insatisfação das meninas com sua imagem corporal se mostra aumentado à medida que avançam na idade adolescente, requerendo estratégias que amenizem os efeitos de uma autoimagem ou padrões estéticos não realistas.

5 REFERÊNCIAS

- ADAMI, F.; FRAINER, D. E. S.; SANTOS, J. S.; FERNANDES, T. C.; DE-OLIVEIRA, F. R. Insatisfação corporal e atividade física em adolescentes da região continental de Florianópolis. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 24, n. 2, p. 143-9, 2008.
- ALMEIDA, G. A. N.; SANTOS, J. E.; PASIAN, S. R.; LOUREIRO, S. R. Percepção de tamanho e forma corporal de mulheres: estudo exploratório. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 1, p. 27-35, 2005.
- AMARAL, M. O fenômeno do culto ao corpo moderno e a magreza como símbolo de beleza: estudo sobre o movimento pró-Ana no Brasil. In: VI Congresso Português de Sociologia, 2008. **Anais...** Lisboa: Universidade. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4568034&orden=1&info=link>>. Acessado em: 14 de Março de 2013.
- CAMPAGNA, V. N.; SOUZA, A. S. L. Corpo e imagem corporal no início da adolescência feminina. **Boletim de Psicologia**, São Paulo, v. 56, n. 124, p. 9-35, 2006.
- CONDE, W. L.; MONTEIRO, C. A. Valores críticos do índice de massa corporal para classificação do estado nutricional de crianças e adolescentes brasileiros. **Jornal de Pediatria**, Porto Alegre, v. 82, n. 4, p. 266-72, 2006.
- CORSEUIL, M. W.; PELEGRINI, A.; BECK, C.; PETROSKI, E. L. Prevalência de insatisfação com a imagem corporal e sua associação com a inadequação nutricional em adolescentes. **Revista de Educação Física**, Maringá, v. 20, n. 1, p. 25-31, 2009.
- FERREIRA, M. C.; LEITE, N. G. M. Adaptação e validação de um instrumento de avaliação da satisfação com a imagem corporal. **Avaliação Psicológica**, Itatiba, v. 1, n. 2, p. 141-49, 2002.
- FIDELIX, Y. L.; SILVA, D. A. S.; PELEGRINI, A.; SILVA, A. F.; PETROSKI, E. L. Insatisfação com a imagem corporal em adolescentes de uma cidade de pequeno porte: associação com sexo, idade e zona de domicílio. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, v. 13, n. 3, p. 202-7, 2011.
- FREIRE FILHO, J. Mídia, consumo cultural e estilo de vida na pós-modernidade. **Revista ECO-Pós**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 72-97, 2003.
- GLANER, M. F.; PELEGRINI, A.; CORDOBA, C. L.; POZZOBON, M. E. Associação entre insatisfação com a imagem corporal e indicadores antropométricos em adolescentes. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 129-36, 2013.
- GONÇALVES, M. L. M. C. **Bullying e imagem corporal nos adolescentes**. Braga (Portugal), 2016. 29f. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia), Escola de Psicologia, Universidade do Minho, 2016.
- GRAUP, S.; PEREIRA, E. F.; LOPES, A. S.; ARAÚJO, V. C.; LEGNANI, R. F. S.; BORGATTO, A. F. Associação entre a percepção da imagem corporal e indicadores antropométricos de escolares. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 129-38, 2008.
- IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa de Orçamentos Familiares 2008-2009**: antropometria e estado nutricional de crianças, adolescentes e adultos no Brasil. IBGE, 2010.
- KAKESHITA, I. S. **Adaptação e validação de escalas de silhuetas para crianças e adultos brasileiros**. Ribeirão Preto, 2008. 96f. Tese (Doutorado), Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2008.

- KAKESHITA, I. S.; ALMEIDA, S. S. Relação entre índice de massa corporal e a percepção da auto-imagem em universitários. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 497-504, 2006.
- KAKESHITA, I. S.; SILVA, A. I. S.; ZANATTA, D. P.; ALMEIDA, S. S. Construção e fidedignidade teste-reteste de escalas de silhuetas brasileiras para adultos e crianças. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 25, n. 2, p. 263-70, 2009.
- LEITE, A. C. B.; FERRAZZI, N. B.; MEZADRI, T.; HÖFELMANN, D. A. Insatisfação corporal em escolares de uma cidade do sul do Brasil. **Journal of Human Growth and Development**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 54-61, 2014.
- LEVANDOSKI, G.; CARDOSO, F. L. **Revista Latinoamericana de Psicología**, Bogotá, v. 45, n. 1, p. 135-45, 2013.
- MARTINS, C. R.; PELEGRINI, A.; MATHEUS, S. C.; PETROSKI, E. L. Insatisfação com a imagem corporal e relação com estado nutricional, adiposidade corporal e sintomas de anorexia e bulimia em adolescentes. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 32, n. 1, p. 19-23, 2010.
- MATTOS, R. S.; LUZ, M. T. Sobrevivendo ao estigma da gordura: um estudo socioantropológico sobre obesidade. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 489-507, 2009.
- MATTOS, R. S.; PERFEITO, R.; CARVALHO, M. C. D. V. S.; RETONDAR, J. Obesidade e bullying na infância e adolescência: o estigma da gordura. **Demetra**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 71-84, 2012.
- MIRANDA, V. P. N.; CONTI, M. A.; BASTOS, R. R.; LAUS, M. F.; ALMEIDA, S. de S.; FERREIRA, M. E. C. Imagem corporal de adolescentes de cidades rurais. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 6, p. 1791-801, 2014a.
- MIRANDA, V. P. N.; CONTI, M. A.; DE CARVALHO, P. H. B.; BASTOS, R. R.; FERREIRA, M. E. C. Imagem corporal em diferentes períodos da adolescência. **Revista Paulista de Pediatria**, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 63-9, 2014b.
- PETROSKI, E. L.; PELEGRINI, A.; GLANER, M. F. Insatisfação corporal em adolescentes rurais e urbanos. **Revista Motricidade**, Florianópolis, v. 5, n. 4, p. 13-25, 2009.
- RECH, R. R.; HALPERN, R.; TEDESCO, A.; SANTOS, D. F. Prevalência e características de vítimas e agressores de bullying. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 89, n. 2, p. 164-70, 2013.
- RIBAS FILHO, D.; DAVID, I. M.; SAKAUE, L. K.; DIAS, R. C.; TEIXEIRA, M. A. Avaliação do grau de estigmatização de obesos em população infanto-juvenil de escolas públicas de um município do Estado de São Paulo. **Revista da Sociedade Brasileira de Clínica Médica**, Botucatu, v. 7, p. 372-8, 2009.
- SALGADO, R. G.; FERRARINI, A. R. K. Em busca do corpo perfeito: as crianças na cultura da beleza e da sedução. **Em Aberto**, Brasília, v. 29, n. 95, p. 83-93, 2016.
- SCHERER, F. C.; MARTINS, C. R.; PELEGRINI, A.; MATHEUS, S. C.; PETROSKI, E. L. Imagem corporal em adolescentes: associação com a maturação sexual e sintomas de transtornos alimentares. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 59, p. 198-202, 2010.
- SCUTTI, C. S.; SEO, G. Y.; AMADEU, R. S.; SAMPAIO, R. F. O enfrentamento do adolescente obeso: a insatisfação com a imagem corporal e o bullying. **Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba**, Sorocaba, v. 16, n. 3, p. 130-3, 2014.
- SERASSUELO JÚNIOR, H.; BACARIN, D. S.; RONQUE, E. R. V.; OLIVEIRA, S. R. S.; SIMÕES, A. C. A percepção do autoconceito e sua influência no desempenho motor em crianças e adolescentes. **Revista de Educação Física**, Maringá, v. 23, n. 1, p. 15-23, 2012.

TRUBY, H.; PAXTON, S. Development of the children's body image scale. **British Journal of Clinical Psychology**, London, v. 41, n. 2, p. 185-203, 2002.

Autor correspondente: **Gustavo André Borges**

E-mail: gustavo.borges@unioeste.br

Recebido em 19 de agosto de 2016.

Aceito em 11 de abril de 2017.